

RICHARD SHAULL PELO ECUMENISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO ACERCA DA PRODUÇÃO DE MEMÓRIA RELIGIOSA

Arnaldo Érico Huff Júnior*

RESUMO: Uma religião se mantém viva pela rememoração contínua de seus mitos, que enquadram a vida e a história em uma perspectiva de sentido. O movimento ecumênico brasileiro tem em Richard Shaull, teólogo estadunidense que a partir dos anos 1950 envolveu-se fortemente com a América Latina, um lugar de produção de mitos e memórias que reforça e preserva suas crenças centrais. Neste artigo trataremos da produção da memória religiosa de Richard Shaull pelo movimento ecumênico brasileiro ao final do regime militar.

PALAVRAS-CHAVE: Richard Shaull, ecumenismo, política, memória religiosa

RICHARD SHAULL BY THE BRAZILIAN ECUMENISM: A STUDY ON THE PRODUCTION OF RELIGIOUS MEMORY

ABSTRACT: A religion keeps itself alive through the continuous remembrance of its myths, which put life and history in a perspective of sense. The Brazilian ecumenical movement has in Richard Shaull, an American theologian that from the 1950s onwards was strongly involved with Latin America, a place of production of myths and memories that reinforce and preserve its central beliefs. In this article we will deal with the production of religious memories of Richard Shaull by the Brazilian ecumenical movement at the final phase of the military regime.

KEYWORDS: Richard Shaull, ecumenism, politics, religious memory

Introdução

Todo movimento social tem seus heróis. As histórias heróicas que são contadas acerca deles, tanto constituem identidades grupais, quanto fermentam as idéias encarnadas nos heróis, idéias que têm de ser preservadas para a manutenção e renovação do próprio grupo.

Foi o que se deu com o movimento ecumênico brasileiro em relação a Richard Shaull. Sua memória foi feita monumento e preservada para a inspiração de gerações futuras ao engajamento ecumênico nas causas sociais. Shaull tornou-se, assim, um lugar de memória, foi homem feito monumento.¹ Representa, todavia, um tipo específico de produção de memória: por tratar-se de memórias religiosas, remetem para além da existência comum e enquadram a narrativa histórica no campo do tempo mítico, *in illo tempore* como dizia Eliade, um tempo fora do tempo, diante do qual as memórias de homens comuns não passam de sombras e

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ Cf. a compreensão de Jacques LE GOFF, Documento/monumento, p. 536: “O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação (...)”; tb. Pierre NORA, Entre memória e história: a problemática dos lugares, p. 9: “A memória instala a lembrança no sagrado”.

figurações, mas que, justamente por sua repetibilidade, é passível de reprodução na ação significativa e histórica da vida cotidiana, dotando-a de sentido.²

O estadunidense Millard Richard Shaul nasceu em 1919 e faleceu em 2002. Atuou como pastor, professor e missionário em países da América Latina e nos Estados Unidos. No Brasil, disseminando os ideais de um cristianismo ecumênico dedicado à transformação da sociedade e à luta contra as injustiças, Shaul influenciou nos anos 1950 e 1960 toda uma geração de jovens estudantes, dentre estes, alguns que se tornariam intelectuais de projeção nacional e internacional, como Rubem Alves, Waldo Cesar, Julio de Santa Ana, Zwinglio Dias e Rubem César Fernandes.

As obras acerca de Shaul não são abundantes. As menções ao seu nome são, todavia, freqüentes na maioria dos textos que se referem ao ecumenismo no Brasil e na América Latina, aos antecedentes intelectuais da teologia da libertação e às relações entre fé cristã e política em meios protestantes. Uma boa parte destes estudos, escritos por pessoas envolvidas atualmente ou no passado com ecumenismo e política, constroem memórias de Shaul que fazem dele um verdadeiro mito da teologia protestante ecumênica. Nos serviremos desta bibliografia, ora extraindo delas informações biográficas que julgamos necessárias para aclarar ao leitor algo sobre a vida de Shaul, principalmente na primeira parte deste artigo; ora analisando os textos sob a perspectiva da produção de memória religiosa, privilegiando, na segunda parte deste estudo, a publicação do livro “*De dentro do furacão*, Richard Shaul e os primórdios da Teologia da Libertação”. O que se pretende, porém, não é a desconstrução pretenciosa de uma memória tida como mítica no sentido de falseada, mas o lançar de um olhar compreensivo, o de um cientista da religião disposto a pensar as dinâmicas da produção de memórias e de sentido religioso acerca de um personagem marcante como Richard Shaul.

Richard Shaul, ecumenismo e política no Brasil

Shaul nasceu em Felton, York County, uma área rural da Pensilvânia. Estudou sociologia e teologia e tornou-se pastor presbiteriano em 1941. De 1942 a 1950 foi

² Mircea ELIADE, *Tratado de história das religiões*, p. 319-321; tb. Maurice HALBWACHS, *A memória coletiva*, p. 163: “Um grupo religioso, mais que qualquer outro, tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno dele as instituições e os costumes se transformem e que idéias e experiências se renovem. Ainda que suas regras e disposições permaneçam as mesmas por todo um período, mas por um período limitado, a sociedade religiosa não pode admitir que não seja hoje igual ao que era na origem, nem que deva se transformar”.

missionário na Colômbia, iniciando uma relação com a América Latina que se estenderia até seus últimos anos de vida.³

Na Colômbia, conheceu a vida das pessoas pobres e também a agitação da resistência e das lutas diante da situação de pobreza e exclusão. Lá, experimentou a perseguição religiosa que sofriam os protestantes por parte da Igreja Católica. Também lá, uniu-se a um grupo de jovens tanto em atividades de estudo e debate quanto de auxílio e ação social. A eles ofereceu sua teologia e com eles teve seus primeiros contatos com ideais marxistas.⁴

Em 1952, após um período de estudos no *Union Theological Seminary* de Nova Iorque, em que se dedicou às relações entre marxismo e fé cristã, Shaull foi enviado ao Brasil e tornou-se professor de história da igreja no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, educandário da Igreja Presbiteriana do Brasil, a IPB.⁵

Além das aulas e dos contatos com seminaristas, Shaull desde logo se envolveu também em atividades com grupos de jovens e estudantes cristãos. Este foi, na verdade, seu campo de atuação mais frutífero, considerando os objetivos deste estudo. Junto à Confederação da Mocidade Presbiteriana da IPB, Shaull atuou como conferencista em congressos e como colaborador do jornal *Mocidade*. Passou ainda a realizar palestras sobre o pensamento católico e a promover encontros entre seminaristas protestantes e dominicanos, em um tempo em que a oposição protestante ao catolicismo era generalizada. A participação ecumênica em estudos bíblicos era parte também das atividades que desenvolveu junto à UCEB, União Cristã de Estudantes do Brasil. Pelos estudantes, Shaull foi adotado como um jovem mestre, um líder espiritual e intelectual a guiá-los na caminhada de transformação que conduziria o Brasil e suas massas, há séculos na miséria, a despertar para a solução de seus problemas.⁶

Na verdade, o trabalho na UCEB consistiu em um grande espaço de liberdade de atuação e reflexão para Shaull. No começo dos anos 1950, o grande tema discutido em meios estudantis era o comunismo, e Shaull possuía formação suficiente para dar conta de tal discussão. Assim, uma série de palestras que fez para estudantes de teologia em Buenos Aires sobre o tema *O cristianismo e a revolução social* foram transformadas em livro e editadas no Brasil pela UCEB em 1953, e em 1955 no México, Argentina e EUA. No livro, que teve

³ Seguimos aqui as informações biográficas apresentadas por Eduardo Galasso FARIA, *Fé e compromisso*, Richard Shaull e a teologia no Brasil, p. 21-43.

⁴ Id. *Ibid.*, p. 43-57.

⁵ Id. *Ibid.*, p. 57-58, 87-97.

⁶ Eduardo Galasso FARIA, *Fé e compromisso*, p. 105-121.

grande repercussão entre os estudantes, Shaul conclamava os cristãos a uma participação ativa na transformação social.⁷

Outra importante esfera de atuação ecumênica de Shaul no Brasil foi o Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Sob a condução de Waldo Cesar e a inspiração de Shaul, o setor foi criado em 1955 e convocou já para o mesmo ano a “Primeira Consulta sobre Responsabilidade Social da Igreja”. A esta seguiu uma série de conferências que mobilizaram os setores mais politizados das igrejas: “As igrejas e as rápidas transformações sociais”, em 1957; “A presença da igreja na evolução da nacionalidade”, em 1960; e, em 1962, a que ficou conhecida e celebrada como “Conferência do Nordeste” e teve como lema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”.⁸

A partir de 1955, como secretário geral da UCEB, Shaul passou a desenvolver iniciativas de inserção dos estudantes no operariado e nos sindicatos, pela inspiração dos padres operários franceses. A grande experiência foi a de *Vila Anastácio*, em São Paulo, onde durante cerca de dois anos, com a colaboração da UCEB e do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, um grupo de dois casais, um pastor recém-formado, dois presbíteros⁹ operários, um seminarista, um sindicalista vindo do Rio de Janeiro e um intelectual uruguaio, alugaram uma casa e passaram a trabalhar na indústria siderúrgica. A idéia era de envolver-se com o operariado e tomar parte em suas lutas, trabalhando entre eles também no campo da evangelização. A experiência durou de 1957 a 1959 e a casa tornou-se um centro de informação sobre os direitos dos operários.¹⁰

Ao final dos anos 1950, Shaul encontrava grave resistência a suas práticas e teologia, tanto no Seminário de Campinas, quanto em meio à liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil. Em 1960 veio a grande crise: no Seminário de Campinas, professores e alunos foram expulsos; os presbitérios passaram a ser controlados e os pastores que representavam a nova geração foram afastados das igrejas. Ainda em 1959, todavia, Shaul desligara-se do Seminário de Campinas para tomar parte em uma nova experiência de educação teológica, o

⁷ Richard SHAULL, *O cristianismo e a revolução social*, passim. Os sete capítulos do pequeno livro estavam assim intitulados: I - A Crise Atual – Oportunidade para o Comunismo; II - A Solução Marxista; III - Será o Marx-Leninismo a resposta?; IV - O Encontro entre o Cristianismo e o Comunismo; V - O Cristianismo e o Proletariado; VI - A Responsabilidade dos Cristãos na Política; VII - O Repto Fundamental à Fé e à Vida Cristã.

⁸ Waldo CÉSAR, Entrevista, *Ultimato*, p. 51-55; Id. *A Conferência do Nordeste*, Cristo e o processo revolucionário brasileiro; José BITTENCOURT FILHO, *Matriz religiosa brasileira*, religiosidade e mudança social, p. 139-142; Joanildo BURITY, *Os protestantes e a revolução brasileira*, a Conferência do Nordeste (1961-1964), p. 89.

⁹ Presbíteros são os representantes do povo no presbiterianismo. Possuem a responsabilidade de zelar pelos interesses da Igreja. Auxiliam os pastores em atividades diversas, ensinam, oram, distribuem a Santa Ceia e representam as comunidades nos concílios superiores, nos quais têm a mesma autoridade administrativa dos pastores. Nas mãos deles está também a administração da comunidade local.

¹⁰ Eduardo Galasso FARIA, *Fé e compromisso*, p. 115-118.

Seminário do Centenário, também da IPB.¹¹ As expectativas de Shaull com o novo seminário, porém, não se confirmaram e ele terminou por abandonar também aquela experiência. As portas aos poucos iam se fechando. Em 1962, convidado a lecionar no Seminário de Princeton, retornou, então, aos Estados Unidos como professor de ecumenismo. Manteve, todavia, ligações com o Brasil, onde continuou desenvolvendo pesquisas sobre a situação religiosa nacional durante um semestre a cada ano, até 1965.¹²

Ao longo dos anos 60, Shaull participou ativamente do processo que, iniciando-se no Brasil a partir da UCEB e do Setor de Responsabilidade Social, resultou na formação de um movimento latino americano: ISAL, Igreja e Sociedade na América Latina. Participou também no fomento ao debate acerca das relações entre Igreja e sociedade junto ao Conselho Mundial de Igrejas e à Federação Mundial Cristã de Estudantes.¹³

Nessa conjuntura, diversas combinações ecumênico-políticas de inspiração cristã e marxista passavam a se desenvolver em nível nacional e internacional. O marxismo também inspirava ações em outras esferas da sociedade e a sombra da revolução cubana atormentava os mais conservadores. Diante do avultamento de tais processos e do esgotamento do modelo de desenvolvimento adotado pelo governo nacional, uma reação não tardou em manifestar-se, tanto por parte dos setores conservadores da sociedade e das igrejas, quanto dos poderes públicos constituídos. Nos meios protestantes, ainda antes do golpe militar, a Comissão de Igreja e Sociedade foi desfeita e Waldo César e sua equipe sumariamente demitidos. A ditadura, na esteira dos acontecimentos, desmantelou a própria Confederação Evangélica do Brasil.¹⁴

O movimento ecumênico, todavia, não esvaneceu. Parte do grupo encontrou abrigo e apoio em um setor da Igreja Católica, instituição sólida em comparação às frágeis articulações protestantes, o qual se tornou expressão de resistência e que, em função do *aggiornamento* conseqüente do Vaticano II e de Medellín, deu espaço importante à opção pelos pobres, pelos jovens e pelas Comunidades Eclesiais de Base. Este era também o contexto das impactantes encíclicas *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963), nas quais João XXIII adensou a questão das discussões sociais e assegurou, entre outras coisas, o direito à revolução e a articulações de ordem prática entre cristãos e marxistas. Também fundamental nessa

¹¹ O nome do seminário fazia referência aos cem anos de atividade da igreja. O seminário foi instalado em Alto Jequitibá, MG, entre 1959 e 1963, e posteriormente em Vitória, ES, de 1963 a 1968, ano em que encerrou suas atividades em meio a uma grave crise da instituição em nível nacional. Cf. Alderi de Souza MATOS, *Após o centenário (1959-1986)*.

¹² Eduardo Galasso FARIA, *Fé e compromisso*, p. 126-143.

¹³ Id. *Ibid.*, p. 5-6.

¹⁴ Waldo CÉSAR, Entrevista, *Ultimato*, p. 51-55.

perspectiva foi a formação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, pela mão de Dom Helder Câmara, e a criação de 43 dioceses novas, com 109 novos bispos, boa parte deles jovens progressistas de fundamental atuação a partir de 1968, quando D. Aloísio Lorscheider esteve à frente da Conferência em oposição aberta à ditadura militar. Nessa conjuntura, em meados dos anos 60, as reflexões de Juan Luis Segundo, Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Hugo Assmann, no lado católico, e de Richard Shaull, Rubem Alves, Emilio Castro, Julio de Santa Ana e José Miguez Bonino, no lado protestante, abriram o caminho para o surgimento da Teologia da Libertação.¹⁵

Frutos dessas articulações foram nos anos 60 e 70 as formações do Centro Evangélico de Informação (CEI, 1965), do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1974), da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE, 1975) e, em 1982, do CONIC, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs.¹⁶

Shaull, por sua vez, entre 1962 e 1980 lecionou no Seminário de Princeton, dando continuidade à sua busca por uma formação teológica voltada para a realidade social. Sentiu-se, porém, novamente vencido pelas estruturas institucionais. Para ele, o seminário falhara em sua vocação, no que fora chamado a ser diante das “rápidas transformações sociais” que o mundo vivia. Nesse período, atuou ainda como missionário na Nicarágua, Costa Rica, Guatemala, Peru, Chile e México, ministrando também cursos em seminários teológicos. Transferiu-se, por fim, para o Seminário Teológico de Nova Iorque (1982-1984) e depois para o Seminário Teológico Geral (1984-1988), atuando junto a grupos minoritários hispânicos no Bronx.¹⁷

Com o fim da ditadura militar, Shaull retornou algumas vezes ao Brasil. Ao final de seus anos, ainda desenvolveu junto a Waldo Cesar um estudo sobre o fenômeno pentecostal, no qual via uma manifestação legítima do Espírito Santo entre os excluídos. Faleceu em 2002, aos 83 anos, ainda envolvido com o ecumenismo, a política e o ensino e a reflexão teológica.¹⁸ A obra autobiográfica de Shaull, *Surpreendido pela Graça*, foi publicada em português pela editora Record em 2003.

Em função de sua produção teológica libertária, suas posições polêmicas, sua liderança em meios a estudantes que se tornaram também intelectuais e líderes ecumênicos, bem como

¹⁵ Enrique DUSSEL, *História da igreja latino-americana (1930-1985)*, p. 21, 53, 67; Martin DREHER, *A igreja latino-americana no contexto mundial*, p. 193-195; Samuel Silva GOTAY, *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*, p. 36; Wellington Teodoro da SILVA, *O jornal Brasil*, Urgente, p. 18, 44-46.

¹⁶ Zwinglio M. DIAS, *O movimento ecumênico: história e significado*, p. 153; Magali do Nascimento CUNHA, *Contra todo silenciamento e esquecimento, memória de uma experiência de contra-informação no Protestantismo Brasileiro*; Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 132, 128.

¹⁷ Eduardo Galasso FARIA, *Fé e compromisso*, p. 142-143.

¹⁸ Id. *Ibid.*, p. 6, 142-143; Richard SHAULL e Waldo CESAR, *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*.

de sua própria militância político-religiosa, Shaull foi feito ícone do movimento ecumênico brasileiro. Sua memória, elaborada e reelaborada, colaborou na produção de identidades e práticas dos integrantes do movimento.

São várias as publicações de Shaull em português. Algumas das mais conhecidas constam na bibliografia deste estudo. Em 1985, quando de seu retorno ao Brasil, no contexto da abertura política pós-ditadura, um grupo de intelectuais e ex-alunos publicou uma obra em sua homenagem, intitulada “*De dentro do furacão, Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*”. A obra contém tanto textos em sua memória quanto escritos de seu próprio punho, alguns então inéditos em português. A partir de tais textos, pode-se levantar algumas idéias acerca da produção de memórias ao redor de Shaull e de sua monumentalização pelo movimento ecumênico brasileiro. Nos empenhamos, assim, em um esforço de análise do documento histórico como monumento, trabalho de preservação de legado e memória ao futuro, considerando as condições de sua produção e buscando sua eventualização, ou seja, a compreensão das dinâmicas políticas nele implicadas e do horizonte de inteligibilidade que o possibilitou.¹⁹

Memória do furacão: do movimento ao monumento

De dentro do furacão foi publicado em 1985, através da Editora Sagarana, de São Paulo, por uma iniciativa conjunta do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), do CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas) e do Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, três centros de fermentação intelectual e de referência do movimento ecumênico daquele momento. Era o primeiro volume da coleção “Protestantismo e Libertação” e vinha organizado por Rubem Alves. A coleção, por sua vez, tinha como editores Carlos Cunha e José Bittencourt Filho, além de um conselho editorial do CEDI que a credenciava, todos ecumênicos, alguns hoje bastante reconhecidos: Aloizio Mercadante, Jether Pereira Ramalho, José Oscar Beozzo, Rubem Alves e Zwinglio Mota Dias.

Os textos introdutórios em homenagem a Shaull foram escritos pelo próprio Rubem Alves, que fez também a apresentação do volume, e por Jovelino Ramos, Julio de Santa Ana e Waldo Cesar. Tratava-se de um grupo de intelectuais desde há muito atuantes nos meios ecumênicos. A publicação, por sua vez, erigia a Shaull, no ano de sua volta ao Brasil e no

¹⁹ Jacques LE GOFF, Documento/monumento, p. 545-549; Michel FOUCAULT, *A arqueologia do saber*, p. 7-8; Eduardo RESTREPO, Cuestiones de método: “eventualización” y problematización en Foucault, p. 114-115.

contexto do fim da ditadura militar, como ícone do movimento ecumênico e de sua resistência, profeta, patriarca, intelectual qualificado, porém aberto ao diálogo, e homem simples de fé e de luta identificado com a causa dos menos favorecidos. A publicação era também um desabafo pós-repressão e um ajuste de contas com as alas conservantistas das igrejas. Era, simultaneamente, um trabalho de memória e de reafirmação de que os velhos ideais não haviam sido esquecidos.

Na abertura, ao apresentar a coleção, os editores davam já o tom do livro e a perspectiva pela qual a memória do homenageado seria construída:

Richard Shaull é o personagem que abre PROTESTANTISMO E LIBERTAÇÃO. Não poderia ser de outra forma. Ele ultrapassou as fronteiras de sua pátria (Estados Unidos) e estava à frente de sua época. Adiantou-se espantosamente e foi – para muitos de nós – o profeta-vidente de uma época riquíssima que ele enriqueceu mais ainda. (...) Encarnou significativamente a dimensão evangélica de João, o Batista, ao procurar diminuir-se para que o Cristo Libertador aparecesse, a tal ponto que, a nosso modo, quase podemos repetir o elogio que Jesus fez, no passado, ao seu precursor: “Entre os nascidos de mulher ninguém foi maior ...” É impossível esquecê-lo pela sua linearidade sempre em renovação e seria criminoso não o mostrar a tantos que viveram aquela experiência louca de olhar para onde o dedo dele apontava. Mesmo porque ele ainda não passou.²⁰

Outras pessoas e acontecimentos seriam esquecidos, como em toda produção de memórias, mas não Shaull e suas atividades no Brasil.²¹ A memória de Shaull ganhava, assim, tons proféticos e sagrados. Não era mais um simples companheiro de luta, mas sim a reedição profética de quem anunciava a libertação nos tempos de Cristo. É dessa forma que a memória torna-se, para o pesquisador, *hierofania*, como dizia Eliade, forma da experiência do sagrado, e constitui-se em fonte importante também para a pesquisa da história das religiões. Nas palavras dos editores, fica evidente a força pluri-temporal de uma memória que reinstaura um passado religioso arquetípico, ao mesmo tempo apontando poderosamente para o futuro.²²

Tais dinâmicas da memória estavam claras também para Waldo César, que, antecipando nossa análise, abre sua homenagem com a seguinte consideração:

²⁰ Carlos CUNHA e José BITTENCOURT FILHO, Por que Shaull?, p. 9-10.

²¹ Para a relação memória-esquecimento, ver p. ex. Michael POLLAK, Memória, esquecimento, silêncio, p. 3-15; tb. Loiva Otero FÉLIX, *História e memória*, a problemática da pesquisa, p. 45. Como disse TODOROV in François DOSSE, *História e ciências sociais*, p. 182: “É assim que a memória é inseparável do esquecimento. Os dois termos que formam um contraste são o apagamento (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre necessariamente, uma interação dos dois”.

²² Para uma percepção do conceito de hierofania como documento, ver Mircea ELIADE, *Tratado de história das religiões*, p. 1-38; tb. Idem, *El mito del eterno retorno*; e, para as temporalidades diversas, Reinhart KOSELLECK, *Futuro passado*, contribuição à semântica dos tempos históricos.

Escrever sobre aqueles com os quais alguma vez convivemos é um pouco escrever sobre si mesmo. A biografia é também autobiografia. Assim como a seleção ou a ênfase deste ou daquele fato – seja pela narrativa jornalística, sociológica ou histórica – é a exaltação dos interesses ou da memória de cada um. Mais do que isto, a narração pode ser também um ato de inventiva – tanto mais criadora quanto mais universal é o objeto de uma reflexão ou lembrança.²³

O fato é que a figura de Shaul e o que ele realizara entre os brasileiros era suficientemente forte simbolicamente para que tais memórias fossem instauradas e possibilitassem a produção de significados generalizantes que poderiam servir de base para identidades e práticas do movimento e de suas gerações em formação. Em diversos escritos de Shaul isso fica aparente. Veja-se por exemplo o extrato de um texto citado como epígrafe na abertura do livro:

Sustentados pela esperança na grande realidade divina, viveremos num mundo revolucionário sem que nada nos perturbe. Realizaremos nossas tarefas nas esferas social e política com seriedade e tranqüilidade, ao mesmo tempo em que vivemos pela missão mundial da Igreja. A despeito dos temores e perigos que possam cercar-nos, viveremos em esperança e tentaremos descobrir, em cada momento específico, aquilo que podemos fazer para contribuir para o Fim que Deus estabeleceu para o mundo. Ao fazer isto, nossas vidas ficarão mais cheias de sentido e a nossa Igreja mais dinâmica, e seremos capazes de ajudar a nossa nação a se ver sob a luz do julgamento e da misericórdia de Deus, e de cumprir a missão para a qual ele a chamou neste tempo em que vivemos.²⁴

Diante da força simbólica de Shaul, Rubem Alves, que então já galgara postos importantes e uma boa projeção em meio à intelectualidade nacional, e que fora aluno do homenageado durante os anos 1950 no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, e em Princeton como pós-graduando nos anos 1960, apresenta-o também como profeta:

Há homens que vêm mais longe que os outros e apontam para horizontes novos. Um deles foi Richard Shaul, missionário norte-americano. Estrangeiro, ele nos entendeu, melhor que nós mesmos, e nos revelou o nosso destino. Identificou-se com a América Latina e assumiu-a como sua pátria. Tornou-se um profeta, e toda uma geração de estudantes universitários, seminaristas, jovens e leigos comprometidos com o destino do nosso continente foi marcada pelo seu pensamento e pelos seus atos. (...) naqueles anos, meados da década de 50, antes do Concílio Vaticano II, início da década de 60, antes de qualquer coisa que se parecesse com Teologia da Libertação, antes das Comunidades Eclesiais de Base, as palavras de Shaul eram profecias, visões de futuros ainda não nascidos.

²³ Waldo CESAR, Do individualismo à comunidade: uma reflexão sobre os anos de Richard Shaul no Brasil, p. 41.

²⁴ Richard SHAULL, *Encounter with revolution*, New York, Association Press, 1955, p. 145, in VVAA, *De dentro do furacão*, p. 15.

Dentro deste livro, memórias de um passado em que uma coisa nova começou, testemunhos passados do presente em que vivemos.²⁵

O traço de novidade, de *boa nova* (evangelho, em grego), de prefiguração de um futuro ainda por se cumprir, reforça, assim, a imagem do profeta. Além disso, no texto que segue à apresentação, Rubem Alves fala de um Shaul sem o qual sua própria percepção de mundo, e portanto sua trajetória acadêmica, não seriam as mesmas – recurso retórico não desprezível politicamente:

Chegamos juntos no mesmo seminário, Campinas, no mesmo ano de 1953. Eu era calouro e estava cheio de certezas. O Shaul era professor e veio cheio de perguntas. Claro que eu não suspeitava que em breve minhas certezas cairiam por terra, senão eu teria fugido.

(...) O Shaul veio e nos disse, sem eloquência e com sotaque estrangeiro: “Deixem de olhar para o meu dedo. Olhem para onde ele está apontando. Descubram a vida...”

(...) E assim o Shaul apontava o seu dedo, falava, e pedia que víssemos sinais de Deus onde nunca havíamos sonhado. Sinais de Deus: aquelas coisas que vão acontecendo, indicando que o furacão está a caminho. Deus, o grande furacão. Ouves sua voz, não sabes donde vem e nem para onde vai...

Eu acho que a teologia do Shaul foi isto, uma meditação sobre o furacão.²⁶

E aponta novamente para o profeta da novidade, mencionando ainda um outro ícone:

Pois é, Shaul: sem o saber, você começou uma coisa nova. E espero que não se ofenda se eu o chamar de patriarca, pai de uma nação. Ou, se o nome for grande para a sua humildade, pelo menos que aceite o nome de testemunha, que viu uma igreja nova nascendo. E a anunciou...

(Escrito pensando também no Leonardo Boff)²⁷

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a homenagem é prestada a outro homem-símbolo da identificação com as causas sociais, o profeta protestante é equiparado ao então mais eminente profeta católico da Teologia da Libertação brasileira, Leonardo Boff, sublinhando a originalidade protestante (por vezes obscurecida) em pé de igualdade com a hegemonia do pensamento católico de esquerda. Shaul e Boff, patriarcas de um novo povo.

Jovelino Ramos, de outra forma, que participara da experiência da Vila Anastácio e durante a ditadura precisou fugir do Rio de Janeiro para viver nos Estados Unidos, rememora também o caráter de patriarca e profeta que o homenageado adquirira para o movimento estudantil:

²⁵ Rubem ALVES, Quase uma apresentação, p. 13-14.

²⁶ Id., O Deus do furacão, p. 20 e 23.

²⁷ Id. Ibid., p. 24.

A contribuição mais relevante da UCEB era a seriedade com que os acadêmicos, através dela, se relacionavam uns com os outros para buscar, através da reflexão e da ação, a melhor maneira de expressar o seu compromisso de fé, como participantes nas reivindicações estudantis. Durante todo aquele período o Shaull era o profeta, o inspirador, o companheiro e, (por que não dizer?) o patriarca.

E aqui está um paradoxo relacionado com a personalidade do Shaull. Exatamente no momento da mais extremada afirmação de nacionalismo no Brasil (lembram-se da campanha “o petróleo é nosso”?) aí estava um americano loiro, de olhos azuis, sendo ouvido com admiração (quase veneração) e respeito, pelas lideranças estudantis mais intolerantes. Até hoje é difícil de entender. Seja lá como for, decidimos que ele também era nosso. (...)

Na verdade o Shaull pertencia a uma comunidade internacional.²⁸

Shaull tornava-se assim homem-do-mundo, um passador de fronteiras, amado e seguido.

Outra faceta do Shaull-monumento sempre rememorada nos textos é aquela que apontava constantemente para a vida concreta, “o mundo”, em um tempo em que o protestantismo fazia justamente o contrário, recolhia-se numa espiritualidade interessada apenas nas coisas do celeste porvir, como disse Antonio Gouvêa Mendonça.²⁹ É o que comemora Julio de Santa Ana, que assistira como estudante às conferências de Shaull na Argentina no começo dos anos 50, publicadas no livro supramencionado, *O cristianismo e a revolução social*:

(...) o teólogo não é aquele que se abstrai da história, mas sim aquele que se apaixona pelo que está acontecendo. Esta tradição na teologia cristã aparece, inclusive, desde antes do tempo da Igreja. Já no Antigo Testamento, os profetas constituíram-se no protótipo dos teólogos: esquadriharam a história porque nela Deus havia manifestado e continuava revelando-se. Daí, o poder de sua afirmação: “Assim disse Iavé...”. Aqueles teólogos estavam longe dos mestres da sabedoria que têm acompanhado o desenvolvimento de outras religiões. Enquanto que estes, geralmente, tendem ao silêncio e ao cultivo da vida interior, os teólogos do Antigo Testamento como Amós, Miquéias, Isaías, Jeremias e outros se entranhavam no turbilhão dos acontecimentos, com a convicção de que a única maneira de chegar a ter a revelação de Deus era através de uma participação plena na história do seu tempo. Esta história era considerada por eles como o cenário da ação do Deus vivo. Tal tradição foi ratificada pelo mesmo Jesus, e, após ele, pelos grandes mestres da vida da Igreja Cristã: Paulo, Clemente, Basílio, Crisóstomo, Agostinho, Lutero, Schleiermacher, Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer (para citar somente alguns deles).

A participação nos feitos de seu tempo e o dom de interpretar os sinais dos tempos em meio a estes feitos são marcas fundamentais do ser teólogo.

²⁸ Jovelino RAMOS, “Você não conhece o Shaull”, p. 31.

²⁹ Antonio Gouvêa MENDONÇA, *O celeste porvir*, a inserção do protestantismo no Brasil.

(...) Tudo isto, descobri na minha vida através de sucessivos encontros com Richard Shaull.³⁰

A linhagem espiritual em que Julio de Santa Ana insere a memória de Shaull é poderosa e significativa: dos profetas até o Cristo, de Paulo até Agostinho e de Lutero a Bonhoeffer. Trata-se de uma herança teológica que aponta ao mesmo tempo para a graça de Deus, sua misericórdia para com a humanidade, e para a eminência de uma inserção necessária da fé cristã no universo social e político. Uma historieta de Rubem Alves lembra o mesmo Shaull radicado no mundo:

Lembro-me do Shaull, no interior de um lindo templo que tinha uma parede de vidro aberta para um bosque de pinheiros. Eu estava enlevado, até que ele disse com uma pitada de ironia: “É, o templo nos leva para a paz da natureza, e nos distancia dos problemas do mundo...” Para ele, era justamente nos problemas do mundo que se encontravam as marcas de Deus. Deus aparece como homem no lugar onde a vida humana comum é vivida: este é o sentido da encarnação.³¹

Ratificava-se, assim, na memória do ícone um princípio fundamental que dirigiu as práticas ecumênicas desde os anos 50, atravessando o período ditatorial: o da inserção política como imperativo ético-religioso e o próprio centro pulsante de fé e práxis. É também a tais significados que remetem as memórias de Waldo Cesar:

E não havia dúvida de que as pessoas eram muito mais importantes para Shaull do que as instituições, e que através das primeiras chegava a mobilizar e a provocar vários setores da nossa realidade institucional: a mocidade presbiteriana, então bastante ativa e organizada; a União Cristã de Estudantes do Brasil, um movimento de vanguarda com invejável autonomia; os seminários presbiterianos; e posteriormente o Setor de Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil. Com exceção do seu trabalho no Seminário, como ele próprio menciona, todas as outras atividades eram realizadas em equipe. Shaull tinha a habilidade de *fazer* através de outros, ou melhor, de tornar as suas idéias num instrumento de debate e de decisão do grupo. Um elemento catalisador por excelência. Sua abertura teológica e sua cultura geral, aliados a um estilo no qual predominava a simplicidade e a cordialidade, nos recolocavam à vontade no mundo da fé e da vida e, ao mesmo tempo, nos tornavam mais críticos e mais exigentes com uma Igreja e uma sociedade que se aproximavam rapidamente de uma das maiores crises da história brasileira. Todos os veículos institucionais disponíveis foram usados para levar a *nova mensagem*, para mostrar que a nossa integração no mundo era a

³⁰ Julio de SANTA ANA, A Richard Shaull: teólogo e pioneiro ecumênico – um testemunho reconhecido, p. 34-35. Tb. referindo-se às teologias de Shaull e Alves, Idem, Du libéralisme à la praxis de libération. Genèse de la contribution protestante à la théologie latino-américaine de la libération, p. 79: “La pratique de la libération devait répudier la morale du ghetto protestante. [...] Pour affirmer cet avenir humain il fallait s’engager dans le lutte historique du temps que visaient à l’accomplissement des espérances humaines”.

³¹ Rubem ALVES, O Deus do furacão, p. 22.

única verdadeira expressão da fé cristã e do compromisso com Jesus Cristo.³²

É o que lembra também Julio de Santa Ana, ao mesmo tempo sublinhando sua posição diante do mestre e abrindo um caminho de encantamento para discípulos potenciais:

A maneira através da qual Shaull participa do movimento ecumênico, seus compromissos concretos na luta pela justiça e pela liberdade, constituem um exemplo e um desafio para aqueles que, de um modo ou de outro, temos sido seus discípulos.³³

Dessa forma, construía-se ao redor de Shaull não apenas uma idéia do *que* fazer, mas também do *como* fazer. É assim que Waldo Cesar constrói também a memória de um Shaull companheiro humilde de diálogo, sábio e intrépido em suas lutas e sonhos. Falando acerca dos momentos de crise em meio às pressões institucionais, atesta:

Houve muitos momentos em que o nome do Shaull – e dos que com ele trabalhavam – foram motivos de polêmicas. Era inevitável o choque. Necessário. E aí aprendi – aprendemos – outra coisa: não se tratava de defender-se a si mesmo e sim de continuar a luta para implantar um pensamento novo, um novo estilo de trabalho. Nisto Shaull era mestre. Jamais falava sobre si. Dava voltas por cima da crítica, do ataque, e seguia com a sua proposta – que até poderia ser humildemente discutida e revista, como o foi muitas vezes.³⁴

Ressalta também a novidade e a plenitude das propostas – como na memória do profeta da boa nova –, sublinha sua consonância com um certo espírito internacional recém surgido e aponta para o caráter redentor de Shaull em relação às ações de seu país na América Latina:

Dentro das estruturas da Igreja, uma das poucas tentativas para entender o pluralismo cultural e religioso da época estava nos departamentos especializados do Conselho Mundial de Igrejas. A experiência respondia às nossas dúvidas e anseios por ser ecumênica e por enfrentar e promover um diálogo com a sociedade. Esta síntese, que afinal dava sentido à nossa fidelidade à Igreja e à visão que tínhamos de sua missão no mundo, foi eficazmente elaborada por Shaull e adaptada à realidade brasileira. Uma vez comentei com ele esta ruptura com o século passado, quando missionários europeus e norte-americanos nos haviam trazido não apenas as suas divisões, mas uma concepção cultural e um estilo de vida alheios e até

³² Waldo CESAR, Do individualismo à comunidade: uma reflexão sobre os anos de Richard Shaull no Brasil, p. 43.

³³ Julio de SANTA ANA, A Richard Shaull: teólogo e pioneiro ecumênico – um testemunho reconhecido, p. 39.

³⁴ Waldo CESAR, Do individualismo à comunidade: uma reflexão sobre os anos de Richard Shaull no Brasil, p. 45.

condenatórios da nossa maneira de ser. Shaul representava um novo espírito, que de certa forma redimia aquele passado.³⁵

Considerações finais

A idéia de uma hierofanização da memória, percepção de seu processo de sacralização, pode ser uma ferramenta frutífera para o estudo da história das religiões. A memória religiosa se reveste de uma especificidade sagrada. Seus signos remetem a uma experiência de outra ordem, a experiência religiosa. Esta por sua vez exerce uma força poderosa de motivação para a vida. Sendo assim, a sincronização prática de tais signos postos em ação pela memória pode revelar à pesquisa dados interessantes quanto aos modos de significação da vida religiosa de grupos e sociedades.

É algo como se o mito do eterno retorno de que fala Eliade fosse constantemente ressignificado e atualizado na produção de novos mitos e assim de novas narrativas que servem como fundamento de práticas, perpetuando, ao mesmo tempo, antigas tradições revestidas de novidade.³⁶ A produção dessas memórias mítico-hierofânicas, por sua vez, pode ser apreendida em sua irrupção histórica e envolve processos de disputas e lutas de representação, como no caso das memórias protestantes ecumênicas produzidas em contraposição à ala conservadora das igrejas, em articulação às memórias libertárias hegemônicas católicas e em reação a uma realidade social entendida como injusta e inaceitável.

Quanto à homenagem a Richard Shaul aqui analisada, trata-se da monumentalização de um ícone do movimento ecumênico. Richard Shaul tornou-se, assim, lenda viva, mito e narrativa a ser recontada e reatualizada, memória ecumênica que dá base para a produção de identidades e práticas do movimento e convida à expectativa de novas futuridades, como comemora Jovelino Ramos ao encerrar sua homenagem, mencionando o episódio da aposentadoria do mestre:

Em 1978 o Shaul se aposentou como professor do Seminário de Princeton. Para muita gente aquilo significava que o mestre finalmente iria usufruir de

³⁵ Waldo CESAR, Do individualismo à comunidade: uma reflexão sobre os anos de Richard Shaul no Brasil, p. 46.

³⁶ Mircea ELIADE, *El mito del eterno retorno*.

um descanso merecido depois de uma existência tão agitada. Quando ouvi isso de um amigo, tive que rir. Ele me perguntou por que é que eu estava rindo. A única coisa que pude dizer naquele momento foi “VOCÊ NÃO CONHECE O SHAULL”.³⁷

Narra-se e fortalece-se o mito-memória, reconstrói-se e preserva-se um legado de Richard Shaull, que ao mesmo tempo reatualiza tradições cristãs milenares e mantém vivo um cristianismo engajado, porém metamorfoseado.

Como desafio a pesquisas posteriores, fica a possibilidade de averiguar a recepção e as interpretações da obra aqui analisada nos meios eclesiásticos e ecumênicos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. O Deus do furacão. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 19-24.

_____. Quase uma apresentação. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 13-14.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*, religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BURITY, Joanildo Albuquerque. *Os protestantes e a revolução brasileira*, a Conferência do Nordeste (1961-1964). Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste*, Cristo e o processo revolucionário brasileiro. Recife: Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

_____. Do individualismo à comunidade: uma reflexão sobre os anos de Richard Shaull no Brasil. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 41-48.

_____. Entrevista. In: *Ultimato*, ano XL, n° 305, Viçosa, março-abril 2007, p. 51-55.

CUNHA, Carlos; BITTENCOURT FILHO, José. Por que Shaull? In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 9-10.

CUNHA, Magali do nascimento. Contra todo silenciamento e esquecimento, memória de uma experiência de contra-informação religiosa. Disponível em: <www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimento.doc>. Acesso em: 20/02/2008.

DIAS, Zwinglio M. O movimento ecumênico: história e significado. In: *Numen*, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, 1(1), jul-dez, 1998, p. 127-163.

³⁷ Jovelino RAMOS, “Você não conhece o Shaull”, p. 32.

DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004.

DREHER, Martin. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Coleção História da Igreja, Vol. 4)

DUSSEL, Enrique. *História da igreja latino-americana (1930 a 1985)*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *El mito del eterno retorno*. Barcelona: Altaya, 1994.

_____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso, Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória, a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)*, implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado, contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990, p. 535-553.

MATOS, Alderi de Souza. Após o centenário (1959-1986). Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/sesquicentenario/home.php?pg=13>>. Acesso em 10/04/2009.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa . *O celeste porvir, a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, 2(3), 1989, p. 3-15.

SANTA ANA, Júlio H. A Richard Shaull: teólogo e pioneiro ecumênico – um testemunho reconhecido. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 33-39.

_____. Du libéralisme à la praxis de libération. Genèse de la contribution protestante à la théologie latino-américaine de la libération. *Archives des sciences sociales des religions*, Année 1990, Volume 71, Numéro 1, p. 75 – 84. Disponível em: <<http://www.persee.fr>> Acesso em: 13/04/2009.

RAMOS, Jovelino. “Você não conhece o Shaull”. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985, p. 25-32.

RESTREPO, Eduardo. Cuestiones de método: «eventualización» y problematización en Foucault. In: *Tabula Rasa*. Jan./June 2008, no.8, p.111-132. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892008000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/03/2009.

SHAULL, Richard. *Alternativa ao desespero*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1963.

_____. *A reforma protestante e a teologia da libertação*, perspectivas para os desafios da atualidade. São Paulo: Pendão Real, 1993.

_____. *As transformações profundas à luz de uma teologia evangélica*. Petrópolis: Vozes, 1965.

_____. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985.

_____. *O cristianismo e a revolução social*. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

_____. *Surpreendido pela graça*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

_____. *Testemunhas de Cristo num mundo em transformação*. Rio de Janeiro: 1954.

_____. *Vida e estrutura atual da Igreja em relação com o seu testemunho na sociedade latino-americana*. Rio de Janeiro: CEB, 1962.

SHAULL, Richard; CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

SHAULL, Richard; OGLESBY, Carl. *Reação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SILVA, Wellington Teodoro da. *O jornal "Brasil, Urgente": experiência de esquerda no catolicismo brasileiro (1963-1964)*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), UFJF, 2008.

VVAA. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo brasileiro*, história, teologia e pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.